

## DESCA(N)SO

*Barbara Jungbeck<sup>1</sup>*

Se o céu de Porto Alegre estivesse azul, a claridade estaria adentrando a janela de vidro suado do calor que condensa mostrando vida interna que não perpassa o lado exterior. Talvez se tivesse venezianas a cortina preta balançaria. Mais um dia cinza de agosto que me permite sentir camuflada e fora do cotidiano do Chico Buarque. Sozinha nesse quarto úmido e mofado. Sábado sem barulho de estrada engarrafada. Sem pessoas que não se sentem vulneráveis em um sol que esbanja alegria e despreocupação que o frio parece aflorar. 4 cigarros, 3 fatias de pão e um chá de camomila. Li Caio Fernando escrever sobre não ser casado e ter uma relação matrimonial com São Paulo. Talvez isso traduza aquele sentimento responsável do começo de agosto e de todas as minhas voltas para Porto Alegre. Talvez tudo tenha aumentado por ser agosto – o mês das terreiras fechadas, dos votos de fé e dos demônios a solta. Uma escolha pelo sim de um planejamento de uma vida. De ganhar asas e ser arrastada pelos ventos dos tornados. O pensamento de voltar para casa traz o virar de olhos melancólico. Como se tudo já fosse conhecido. O descanso vem com os dias cinzas. O descaso. As esquinas vazias, mas cheias de segredos escondidos entre os poucos transeuntes que não transbordam cor. Nem dor. Só odor. De uma cidade putrificada que nem meu quarto. Onde as pessoas esperam o sol pra dispersar. Pra limpar. Pra organizar. Pra revelar os mal-entendidos. Pra dar calor pra quem dorme em papelões. Afinal nada foge dessa busca eterna pelo cômodo, conhecido, natural. Nem o sentimento de alargar meu quarto pela cidade nos dias cinzas e iguais sem precisar perpassar o vidro. Nem a nostalgia do passado que me fez viajar centenas de quilômetros para matar certa saudade de um futuro sonhado. Na verdade o cinzeiro do tempo recebe as cinzas do que sou dentro desse quarto. Dentro dessa Porto Alegre. E o sol me queima. Queima como um fogo novo que reacende as cinzas me incluindo nas pessoas que o esperam e se esquecem de enxergar as mini partículas diversificadas de água que envolvem o ar úmido dos dias cinzas. O sábado vira, o agosto passa, a água líquida escorre da janela e do exterior homogeneizando e perpassando o vidro. O sentimento retorna como um bom filho que sai da capital e encontra a familiaridade na puxada de ar entre os dentes da mãe sob o sol pós meio dia. O descanso vem com os dias ensolarados. O descaso. As esquinas

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

cheias de pessoas que sorriem, cheias de cores que cegam. Sem dor. Só odor. De uma cidade que continua putrificada que nem meu quarto. Onde as pessoas esperam o cinza para descansar ao descaso.